

TERRA

AMERICANA

TERRA

AMERICANA

Jeanine Cummins

Tradução de
Flávia Rössler, Maria Carmelita Dias e Cássia Zanon



Copyright © 2020 by Jeanine Cummins

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, instituições e acontecimentos aqui retratados resultam da imaginação da autora ou são usados ficcionalmente.

TÍTULO ORIGINAL
American Dirt

PREPARAÇÃO
Marcela de Oliveira

REVISÃO
Carolina Vaz
Mariana Bard

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA
Julianna Lee

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira | Equatorium Design

IMAGENS DE CAPA
azulejo: © Akbaly/ Shutterstock; aquarela: ©oxygen/ Getty Images;
arame: ©winston flavor plus/ Shutterstock

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C975t

Cummins, Jeanine
Terra americana / Jeanine Cummins ; tradução Flávia Rossler, Maria Carmelita Dias, Cássia Zanon. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2020.
416 p. ; 23 cm.

Tradução de: American dirt ISBN 978-85-510-0652-8
1. Romance americano. I. Rossler, Flávia. II. Dias, Maria Carmelita.
III. Zanon, Cássia. IV. Título.

20-62412

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Joe

Era a sede e a fome, e tu foste o fruto.
Era a dor e as ruínas, e tu foste o milagre.

— Pablo Neruda, “A canção desesperada”

CAPÍTULO UM

*Uma das primeiras balas entra pela janela aberta acima do vaso sanitário, que está bem na frente de Luca. Na hora ele não compreende que se trata de um projétil, e é por pura sorte que não o atinge entre os olhos. Luca mal percebe um leve zumbido quando a bala passa e se aloja na parede de azulejos às suas costas. Mas a rajada seguinte é alta, retumbante e assustadora, um *ratatata* com velocidade de helicóptero. Há também uma gritaria, mas que dura pouco e é logo silenciada pelos tiros. Antes que Luca consiga fechar o zíper da calça, baixar a tampa e subir na privada para espiar pela janela, antes que tenha tempo de verificar a origem daquele barulho infernal, a porta do banheiro se abre e lá está Mami.*

— *Hijo, ven* — diz ela, tão baixo que Luca não ouve.

Suas mãos não são delicadas: ela o empurra em direção ao chuveiro. Ele tropeça no pequeno degrau e cai de bruços. Mami se joga em cima do filho, e ele morde o lábio na queda. Sente gosto de sangue. Uma gotinha escura desenha um minúsculo círculo vermelho nos azulejos verdes do boxe. Mami entoca o garoto bem no canto. Não há porta nem cortina no boxe. Ele é improvisado num canto do banheiro de sua *abuela*, e tem uma terceira parede azulejada construída para fazer as vezes de divisória. Essa parede tem pelo menos um metro e meio de altura e não mais de um metro de largura — com um pouco de sorte, é suficiente para impedir que Luca e a mãe sejam vistos. As costas de Luca estão espremidas, e seus ombros estreitos tocam as duas

paredes. Os joelhos estão tocando o queixo, e Mami se fecha ao redor dele como um casco de tartaruga. A porta do banheiro está entreaberta atrás da meia parede do chuveiro de sua *abuela*, o que preocupa Luca, embora ele não consiga vê-la por causa do escudo formado pelo corpo da mãe. Ele queria se desvencilhar dela e empurrar a porta de leve com o dedo. Gostaria de fechá-la. Não imagina que sua mãe a tenha deixado aberta de propósito. Uma porta fechada é um convite para um exame mais minucioso.

Do lado de fora o barulho de tiros continua, e chega acompanhado do cheiro de carvão e carne queimada. Papi está grelhando carne e também as coxinhas de frango que Luca adora. Ele gosta delas bem tostadas e com a pele crocante. Sua mãe levanta a cabeça para encarar os olhos do filho. Coloca as mãos nos dois lados do seu rosto e tenta tapar seus ouvidos. Fora de casa, o tiroteio diminui. Para por um instante, mas logo recrudescer em rajadas curtas, refletindo, Luca pensa, o ritmo esporádico e selvagem do seu coração. Mesmo em meio ao barulho, o garoto consegue escutar o rádio: primeiro a voz de uma mulher que anuncia *La Mejor 100.1 — FM Acapulco!*, seguida pela Banda MS cantando sobre a felicidade de estar apaixonado. Alguém atira no rádio, e o som que o substitui é de risadas. Vozes de homens. Dois ou três, Luca não sabe ao certo. Pisadas firmes de botas no pátio de Abuela.

— Ele está aqui? — Uma das vozes vem de bem perto da janela.

— Aqui.

— E o garoto?

— *Mira*, tem um menino aqui. É ele?

O primo de Luca, Adrián. Ele está de chuteiras e com a camisa do Chicharito Hernández. Adrián consegue fazer quarenta e sete embaixadinhas com os joelhos sem deixar a bola de futebol cair.

— Não sei. Parece a idade certa. Tire uma foto.

— Ei, tem frango! — exclama outra voz. — Está com uma cara boa.

Quer um pedaço?

A cabeça de Luca está embaixo do queixo da mãe, cujo corpo envolve o dele com firmeza.

— Esqueça o frango, *pendejo*. Examine a casa.

De cócoras, a mãe de Luca empurra ainda mais o filho em direção à parede de azulejos. Ela se espreme contra ele, e os dois ouvem o rangido e a batida da porta dos fundos. Passos na cozinha. O tilintar intermitente de balas

na casa. Mami vira a cabeça e percebe a mancha solitária do sangue de Luca, vívida no chão de ladrilhos, iluminada pela luz oblíqua da janela. Luca sente que a mãe prendeu a respiração. A casa está em silêncio agora. O corredor que dá na porta do banheiro é acarpetado. Mami cobre a mão com a manga da blusa e Luca observa, horrorizado, ela se afastar do boxe e se inclinar sobre o pingo de sangue revelador. Ela passa a manga pela gota, que se transforma num leve borrão, e volta para junto do filho no momento em que o homem no corredor usa o cano de seu AK-47 para abrir a porta.

Devem ser três pessoas, porque Luca ainda ouviu duas vozes no quintal. Do outro lado da meia parede do chuveiro, o terceiro homem abre o zíper da calça e alivia a bexiga na privada de Abuela. Luca não respira. Mami não respira. Seus olhos estão fechados, os corpos paralisados, e até a adrenalina deles está suspensa na determinação calcificada de sua imobilidade. O homem solta um soluço, dá descarga e lava as mãos. Seca-as na toalha amarela de Abuela, a que ela só usa em dias de festas.

Eles não se mexem depois que o homem sai. Nem quando voltam a ouvir o rangido e a batida da porta dos fundos. Continuam ali, imóveis em um nó cego de braços e pernas e joelhos e queixos e pálpebras cerradas e dedos contraídos, mesmo depois de ouvirem o homem juntar-se aos parceiros do lado de fora, depois de ouvi-lo anunciar que a casa está vazia e que ele agora vai comer um pedaço de frango, porque não há desculpa para desperdiçar um bom churrasco, não quando há crianças morrendo de fome na África. O homem continua tão perto da janela que Luca consegue ouvir os sons úmidos e pegajosos que sua boca faz ao devorar o frango. Luca se concentra em inspirar e expirar, sem emitir som algum. Diz a si mesmo que aquilo é apenas um pesadelo, um pesadelo horrível, mas que é igual ao que já teve muitas vezes. Quando isso acontece, ele sempre desperta com o coração batendo forte, mas é logo invadido por uma enorme sensação de alívio. *Era só um pesadelo.* Porque esses são os bichos-papões modernos do México urbano. Porque mesmo os pais que têm o cuidado de não falar em violência na frente dos filhos, de trocar a estação de rádio quando há notícias de mais um tiroteio, de esconder o pior de seus próprios medos, não conseguem impedir que os filhos conversem com outras crianças. Nos balanços, no campo de futebol, no banheiro dos meninos na escola, as histórias assustadoras se acumulam e se avolumam. Todos esses

garotos, ricos, pobres, de classe média, viram corpos nas ruas. Assassina-tos eventuais. E eles sabem, por conversarem uns com os outros, que há uma hierarquia de perigo, que algumas famílias correm um risco maior do que outras. Assim, embora Luca nunca visse o menor vestígio desse risco nos pais, ainda que eles dessem uma impecável demonstração de coragem diante do filho, ele sabia... Sabia que esse dia chegaria. Mas a constatação não ameniza essa chegada. Passa-se um tempo muito longo até a mãe de Luca retirar a mão tensa que prendia a nuca do filho, até ela se inclinar o suficiente para que ele perceba que o ângulo da luz entrando pela janela do banheiro mudou.

Há uma bênção nos momentos entre o terror e a confirmação. Quando por fim consegue se mexer, Luca sente uma breve e inquietante euforia pelo fato de estar vivo. Por um momento, delicia-se com a passagem irregular da respiração pelo peito. Coloca as palmas das mãos no chão para sentir a pressão fria dos azulejos. Mami desmorona contra a parede à frente dele e movimentada o maxilar de um jeito que revela a covinha na bochecha esquerda. É estranho vê-la ali dentro do chuveiro com seus sapatos bons de ir à igreja. Luca leva a mão ao corte no lábio. O sangue secou, mas ele passa os dentes no machucado, que volta a sangrar. Ele compreende que, se fosse apenas um sonho, não sentiria gosto de sangue.

Por fim, Mami se levanta.

— Fique aqui — orienta ela com um sussurro. — Não se mexa até eu voltar. Não faça nenhum barulho, entendido?

Luca se lança para segurar a mão dela.

— Mami, não.

— *Hijo*, eu já volto, certo? Você fica aqui. — Mami desprende os dedos de Luca dos seus. — Não se mexa — insiste. — Seja um bom menino.

Para Luca é fácil acatar a ordem da mãe, não tanto porque é uma criança obediente, mas porque não quer ver nada. Sua família inteira está lá fora, no quintal de Abuela. É sábado, 7 de abril, dia da festa de quinze anos de sua prima Yénifer, que escolheu um vestido longo branco para usar em sua *quinceañera*. Os pais dela também estão lá, Tío Alex e Tía Yemi, assim como o irmão mais novo de Yénifer, Adrián, que, por já ter completado nove anos, gosta de dizer que é um ano mais velho que Luca, ainda que a diferença entre os dois seja de apenas quatro meses.

Antes de Luca precisar entrar para fazer xixi, ele e Adrián estavam jogando bola com os outros primos. As mães estavam sentadas no pátio, ao redor da mesa, suas *palomas* geladas suando sobre os guardanapos. Na última vez que todos se reuniram na casa de Abuela, Yénifer entrou sem querer no banheiro onde Luca estava, e ele ficou com tanta vergonha que hoje obrigou Mami a acompanhá-lo e ficar de guarda do lado de fora da porta.

Abuela não gostou. Disse que Mami o mimava, que um menino da idade dele podia muito bem ir ao banheiro sozinho, mas que, por ser filho único, Luca conseguia coisas que outras crianças não conseguiam.

Seja como for, Luca está sozinho no banheiro e tenta não pensar nisso, mas o pensamento surge espontaneamente: aquelas palavras irritadas entre Mami e Abuela talvez tenham sido as últimas trocadas por elas. Luca tinha se aproximado da mesa, se contorcendo, e sussurrado alguma coisa no ouvido de Mami. Abuela, ao perceber, balançou a cabeça, apontou para ambos um dedo repreendedor e fez suas observações. Ela tinha um modo especial de sorrir enquanto criticava. Mas Mami sempre fica do lado de Luca. Ela apenas revirou os olhos e afastou a cadeira da mesa, ignorando a desaprovação da mãe. Quando aquilo havia acontecido? Dez minutos atrás? Duas horas? Luca se sente desconectado das barreiras de tempo que sempre existiram.

Do outro lado da janela, ele ouve os passos hesitantes de Mami, o arrastar suave de seus sapatos em meio aos cacos de alguma coisa quebrada. Um suspiro solitário, fraco demais para ser chamado de choro. Então, um som mais alto enquanto ela atravessa o pátio com determinação, pressionando as teclas do telefone. Quando fala, sua voz tem um tom prolongado que Luca nunca tinha ouvido, alto e gutural.

— Preciso de ajuda.